



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE LICENCIATURA DE PEDAGOGIA**

RÁYLLA GOMES SOUSA

**ANITA MALFATTI E A ARTE COMO DIREITO DAS MULHERES: MODERNISMO,
GÊNERO E FORMAÇÃO CRÍTICA**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO
2025**

Ráylla Gomes Sousa

**Anita Malfati e a arte como direito das mulheres: modernismo, gênero e
formação crítica**

Artigo apresentado à Universidade Federal do
Tocantins (UFT), Campus Universitário de
Miracema, para obtenção do título de licenciado em
Pedagogia.

Orientadora Dra. Rosemeri Birck

Miracema do Tocantins, TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725a Sousa, Ráylla Gomes.
 Anita Malfatti e a Arte Como Direito das Mulheres:: Modernismo,
 Gênero e Formação Crítica. / Ráylla Gomes Sousa. – Miracema, TO,
 2025.
 28 f.
 Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.
 Orientadora : Rosemeri Birck
 1. Anita Malfatti. 2. Arte. 3. Gênero. 4. Modernismo Brasileiro. I.
 Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RÁYLLA GOMES SOUSA

ANITA MALFATTI E A ARTE COMO DIREITO DAS MULHERES: MODERNISMO,
GÊNERO E FORMAÇÃO CRÍTICA

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 15 / 12 / 2025

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rosemeri Birck, Orientadora, UFT

Profa. Dra. Juliana Chioca Ipolito, Avaliadora, UFT

Profa. Dra. Raquel Castilho Souza, Avaliadora, UFT

Dedico este trabalho a mim mesma, pela
resiliência que me trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, autor de todos os meus passos, que me sustentou quando minhas forças já não eram suficientes, acalmou meu coração nos momentos difíceis e iluminou meu caminho quando tudo parecia incerto. Foi meu refúgio e minha força em toda essa trajetória.

Agradeço a mim mesma, pela coragem, força e persistência. Durante o curso, enfrentei a Coxartrose Avançada Femoral na perna direita, uma condição que trouxe dores intensas e desafios diários, levando-me, por muitas vezes, a pensar em desistir. Ainda assim, escolhi continuar. Mesmo diante do cansaço, da dor e do medo, segui firme, confiando em dias melhores. Cada dia foi uma decisão de não desistir. Hoje, olho para trás com orgulho e reconheço minha força e resiliência.

Agradeço à minha família, meu porto seguro, em especial aos meus avós, Anízio Nonato da Costa e Domingas Gomes da Costa, pelo amor, apoio e incentivo constantes. Foram eles que me deram forças para continuar, com palavras, gestos e acolhimento nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores, minha gratidão pelo apoio, compreensão e incentivo ao longo dessa caminhada. Aos meus amigos acadêmicos, que tornaram essa jornada mais leve, deixo meu carinho e reconhecimento.

Agradeço, de forma especial, ao meu melhor amigo, Marcos Paulo, pela presença constante, apoio e amizade verdadeira. À Alda, Thomás, Layane, Livia e Renara Lorena, pelo carinho, companheirismo e por serem luz nos momentos em que mais precisei.

À minha orientadora, Rosemeri Birck, minha sincera gratidão por não desistir de mim, por acreditar no meu potencial mesmo diante das dificuldades e por me encorajar em um momento decisivo da minha trajetória acadêmica. Agradeço também por ter me apresentado a Arte não apenas como objeto de estudo, mas como forma de compreender e transformar a vida, especialmente na Educação Especial.

Agradeço, ainda, à banca avaliadora pelas contribuições.

A todos que fizeram parte dessa caminhada, minha eterna gratidão.

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória e a produção artística de Anita Malfatti (1889-1964) no contexto do Modernismo brasileiro. Compreendendo a arte como um direito social e cultural, reflete-se sobre os desafios de gênero enfrentados pelas mulheres no século XX. Portanto, a pesquisa, de abordagem bibliográfica e com caráter exploratório, busca responder de que maneira a experiência de Malfatti pode contribuir para a compreensão da arte enquanto direito e inspirar práticas pedagógicas inclusivas. Inicialmente, o estudo contextualiza a vida da artista e quatro de suas obras fundamentais como: A Boba, A Onda, O Farol e Samba, sendo assim, evidenciando as barreiras físicas, estéticas e sociais superadas por ela em um ambiente que foi marcado por preconceitos e preceitos de gênero. Em seguida, discute a inserção do Modernismo no Brasil, destacando o papel da mulher na arte e os limites impostos por uma estrutura cultural masculina e elitizada. Contudo, a justificativa pessoal e acadêmica reforça a pertinência do estudo, destacando a potência da arte como espaço de resistência, afirmação identitária e transformação social. Que a Arte é mais do que estética: ela é voz, é presença, é direito.

Palavras-chaves: Anita Malfatti. Arte. Gênero. Modernismo Brasileiro.

ABSTRACT

This article analyzes the trajectory and artistic production of Anita Malfatti (1889-1964) within the context of Brazilian Modernism. Understanding art as a social and cultural right, it reflects on the gender challenges faced by women in the 20th century. Therefore, this bibliographical and exploratory research seeks to answer how Malfatti's experience can contribute to the understanding of art as a right and inspire inclusive pedagogical practices. Initially, the study contextualizes the artist's life and four of her fundamental works: *A Boba*, *A Onda*, *O Farol*, and *Samba*, thus highlighting the physical, aesthetic, and social barriers she overcame in an environment marked by prejudice and gender precepts. Next, it discusses the insertion of Modernism in Brazil, highlighting the role of women in art and the limits imposed by a masculine and elitist cultural structure. However, the personal and academic justification reinforces the relevance of the study, highlighting the power of art as a space for resistance, identity affirmation, and social transformation. Art is more than aesthetics: it is voice, it is presence, it is a right.

Keywords: Anita Malfatti. Art. Genre. Brazilian Modernism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Boba	13
Figura 2 – A Onda	15
Figura 3 – O Farol	17
Figura 4 – Samba	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	VIDA DE ANITA CATARINA MALFATTI: PIONEIRA DO MODERNISMO.....	12
3	INSERÇÃO DO MODERNISMO NO BRASIL: PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ARTE COMO DIREITO SOCIAL E HISTÓRICO.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata da trajetória e da obra de Anita Malfatti como expressão dos desafios da arte e de gênero enquanto direito social e cultural no Modernismo brasileiro. O objetivo geral do estudo está em analisar a trajetória e a obra de Anita Malfatti (1889-1964) no contexto do Modernismo brasileiro, compreendendo a arte como um direito social e cultural, promovendo reflexões acerca dos desafios de gênero enfrentados pelas mulheres no século XX.

Dessa forma, buscamos responder à seguinte questão: Como a trajetória e a obra de Anita Malfatti revelam os desafios de gênero enfrentados pelas mulheres no Modernismo brasileiro e contribuem para a compreensão da arte como um direito social e cultural?

A trajetória de Anita Malfatti assume grande relevância, uma vez que ela é uma das precursoras do Modernismo brasileiro e representa mais do que uma artista, ela é um símbolo de superação, a qual mesmo com sua limitação física consequência de uma atrofia no braço direito, tornou-se uma das precursoras do Modernismo no Brasil e teve papel de destaque na Semana de Arte Moderna de 1922. Suas obras, apesar de duramente criticadas na época, hoje são vistas como símbolo de resistência artística e ruptura com padrões estéticos rígidos e referência quando se trata dos direitos das mulheres.

Trata-se de uma pesquisa de caráter apreciativo que, no plano metodológico, utilizou prioritariamente a pesquisa bibliográfica e um estudo exploratório de artigos, livros voltados à temática investigada. Em consonância com Severino (2014), a pesquisa bibliográfica realiza-se por meio de registros já existentes, como livros, artigos, teses, entre outros, permitindo o desenvolvimento e análises a partir de contribuições de diferentes autores que buscam compreender aspectos relacionados ao tema selecionado.

Este procedimento possibilita a sistematização e o estabelecimento de relações críticas. Ainda, segundo Severino (2014), o estudo exploratório caracteriza-se pelo levantamento de conhecimentos acerca de um determinado objeto, contribuindo para ampliar a compreensão e aprofundar a investigação.

O presente estudo justifica-se pela relevância acadêmica, social e pessoal que envolve a análise da trajetória e obras de Anita Malfatti no Modernismo brasileiro, cuja vida e obra foram marcadas, tanto pela inovação estética, quanto pela superação de

desafios físicos e sociais. Tive a oportunidade de conhecer essa trajetória durante o seminário da disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de Arte e Movimento, e fiquei profundamente impactada.

Nascida com atrofia no braço direito, Anita precisou se reinventar, aprendeu a pintar com a mão esquerda e, mesmo diante de preconceitos estéticos e de gênero, construiu uma produção artística que se tornou referência na história da arte nacional. Escolhi este tema também por uma conexão pessoal com a minha própria vivência. Enfrento limitações físicas decorrentes de uma coxartrose avançada à direita, secundária a osteonecrose idiopática da cabeça femoral, tratada por meio de artroplastia total de quadril. Essa experiência de deficiência e superação me possibilita uma identificação sensível com a trajetória de Anita, não como espelho, mas como inspiração de resistência, ressignificação e afirmação de identidade.

Do ponto de vista pedagógico, considera-se o estudo pertinente para o campo da educação, uma vez que propõe refletir sobre a arte, não apenas como linguagem estética, mas também como direito social e cultural. Neste sentido, buscaremos destacar a importância de compreender o gravame da artista Malfatti, pela perspectiva do direito das mulheres, pois a sua inserção em um espaço historicamente masculino e elitizado, enuncia muito sobre a resistência e asseveração feminina.

O artigo será dividido em duas etapas, na primeira temos por objetivo contextualizar a vida de Anita Malfatti destacando os desafios enfrentados por ser mulher artista em um ambiente marcado por preceitos de gênero a partir de quatro obras: A Boba, A Onda, O Farol e Samba.

Na segunda etapa temos por objetivo refletir a inserção do Modernismo no Brasil (1922) enfatizando a arte como um direito social e cultural, especialmente no que se refere à participação das mulheres.

Diante do percurso analisado, compreende-se que a trajetória e a obra de Anita Malfatti ultrapassam os limites da produção artística, configurando-se como um marco de resistência estética, social e de gênero no contexto do Modernismo brasileiro. Sua atuação evidenciou que a arte é também um espaço de disputa por reconhecimento, voz e pertencimento, especialmente para as mulheres historicamente excluídas dos circuitos culturais legitimados. Ao enfrentar críticas severas, preconceitos de gênero e limitações físicas, Anita não apenas rompeu padrões artísticos, porém reafirmou a arte como direito social e cultural, acessível e representativo da diversidade de experiências humanas. Assim, seu legado permanece atual ao inspirar reflexões

sobre inclusão, equidade e o papel transformador da arte na educação e na sociedade, reforçando a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições femininas na construção da história cultural brasileira.

2 VIDA DE ANITA CATARINA Malfatti: PIONEIRA DO MODERNISMO

Refletir sobre a vida e a obra de Anita Malfatti (1889-1964) significa ir além de reconhecer o surgimento de uma nova linguagem artística no Brasil, implica compreender o percurso de uma mulher que enfrentou as limitações sociais, culturais e de gênero impostas em seu tempo. Suas pinturas se destacam pela força expressiva das cores e pela ruptura com o academicismo tradicional, revelando uma artista que ousou pensar e criar de forma autêntica, desafiando o olhar conservador da sociedade brasileira do início do século XX.

Anita não foi apenas uma pintora, ela simboliza a mulher que resiste às normas estabelecidas e assegura sua autonomia estética e intelectual. Assim, o objetivo deste tópico é contextualizar a vida e algumas das principais obras de Anita Malfatti, destacando os desafios enfrentados por ser mulher artista em um ambiente marcado por preceitos de gênero, com ênfase em quatro de suas obras: *A Boba* (1915-1916), *A Onda* (1917), *O Farol* (1915) e *Samba* (1943-1945).

Arantes-Brero (2016), afirma que Anita Catarina Malfatti nasceu em 2 de dezembro de 1889, em São Paulo. A pesquisadora apresenta informações detalhadas, destacando que a artista era filha do engenheiro imigrante italiano Samuel Malfatti e da pintora norte-americana de ascendência alemã Eleonora Elizabeth Krug, considerada pioneira da Arte Moderna no Brasil.

Segundo Arantes-Brero (2016) desde o nascimento, Anita conviveu com uma limitação física decorrente de um defeito congênito no braço direito, sendo submetida, aos três anos de idade, a um procedimento cirúrgico na Itália, o qual não resultou na recuperação plena dos movimentos. Aos cinco anos, iniciou seus estudos no Colégio São José, onde aprendeu a ler e escrever. Nesse período, suas aptidões para o desenho já despertavam atenção. Com o incentivo da governanta da família, Miss Browne, desenvolveu suas habilidades artísticas utilizando a mão esquerda. Posteriormente, consolidou sua técnica manuseando o pincel com a mão esquerda e a paleta com a direita, o que lhe permitiu, com gestos livres, aplicar as cores de maneira vigorosa.

Aos 20 anos, Anita Malfatti foi financiada pelo seu tio Jorge Krug e teve a oportunidade de ir à Berlim com duas amigas – uma escolha fora da rota habitual. À época, a maioria dos artistas brasileiros preferia o academicismo francês, sobretudo porque a Escola Nacional de Belas Artes, estruturada por um grupo de artistas

franceses, promovia no Brasil uma formação acadêmica alinhada aos moldes acadêmicos europeus (TAVARES, 2023). Apesar do desvio ter sido incomum, nos quase quatro anos que permaneceu na Alemanha, frequentava museus e desenhava todos os dias. Para a autora, essa experiência foi significativa para a artista, sendo o diferencial em sua arte.

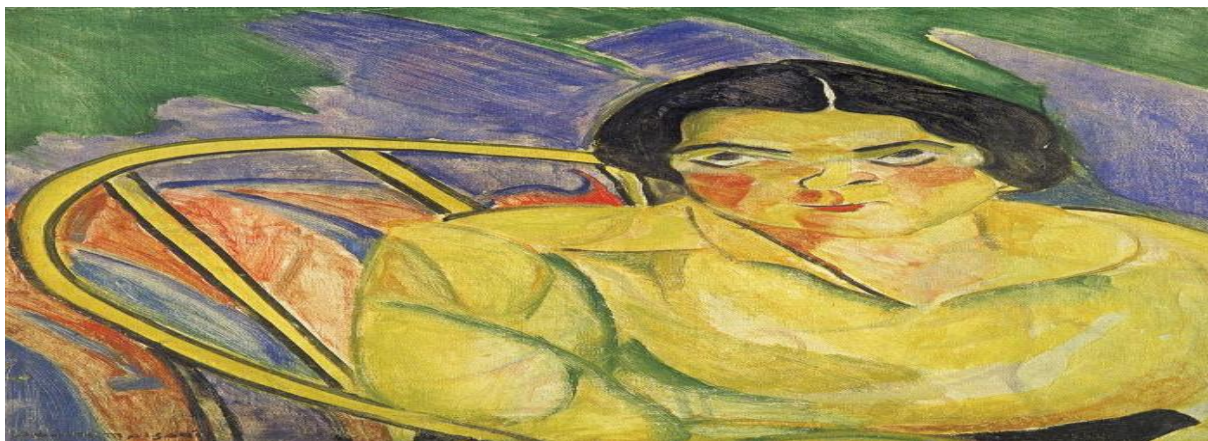
De acordo com Arantes-Brero (2016), essa mulher talentosa, mesmo tendo limitado movimento na mão direita, não se deixou abater, demonstrando que uma pessoa com essa condição pode ter grande capacidade artística. No entanto, seu talento não foi valorizado pela sociedade da época, e essa desvalorização chegou a afetar sua formação acadêmica: o tio que financiava seus estudos deixou de apoiá-la ao perceber que sua arte não era reconhecida.

Seu traço e estilo evoluíram bastante, especialmente durante o período em que ela estudou no exterior, o que contribuiu para o refinamento de sua pintura. Ao longo do tempo, desenvolveu técnicas próprias e aperfeiçoou o uso da mão esquerda, o que contribuiu significativamente para a singularidade de seu estilo pictórico.

Dentre as obras produzidas por Anita Malfatti, selecionamos quatro para fundamentar este estudo: A Boba (1915–1916), A Onda (1917), O Farol (1915) e Samba (1943–1945). A seleção considerou a diversidade temporal das produções, de modo a possibilitar a análise de diferentes fases e transformações estilísticas na trajetória da artista. A seguir, a descrição das quatro obras escolhidas.

A Boba (1915-1916) é uma das produções mais emblemáticas de Anita Malfatti, apontada como um marco em sua carreira e na arte moderna brasileira.

Figura – 1 A Boba



Fonte: A boba (1915-1916), Doação Museu de Arte Moderna de São Paulo¹

1 A boba (1915-1916) de Anita Malfatti, com a descrição: óleo sobre tela e medidas de 61 cm x 50,6 cm. Disponível em: <https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/17330>.

Diante da Figura 1, pode-se observar que *A Boba* representa uma mulher com traços expressionistas marcantes. O uso de cores intensas e profundas, aliado ao rosto assimétrico e ao olhar distante, transmite emoções internas, privilegiando a expressão subjetiva em detrimento da representação realista. A obra evidencia, assim, a ruptura com os padrões acadêmicos e revela a aproximação da artista com o expressionismo europeu.

Dessa forma, embora a pintura dialogue com os padrões vigentes no início do século XX, ela não se submete aos modelos clássicos. Mesmo com traços irregulares em algumas partes, Anita buscou transmitir em suas telas uma conexão intensa com as vanguardas europeias. Seu trabalho constituiu uma resistência estética e simbólica em um cenário dominado por concepções conservadoras e patriarcais da arte.

Portanto, Barroco (2007, p. 161) afirma que *A Boba* é construída com “pinceladas rápidas, cores vibrantes e traços expressivos, remetendo ao expressionismo europeu”. Essa observação evidencia o caráter inovador da obra e reforça seu papel como marco de contestação estética. Um ponto relevante é o conceito de “liberdade pictórica”, que reflete a postura da artista que confrontava diretamente os modelos conservadores da arte brasileira da época. A crítica severa de Monteiro Lobato, ao invés de desmerecer seu trabalho, revelou justamente a força de Anita em resistir às normas impostas por um meio artístico masculinizado e excludente.

Diante do contexto, percebe-se um rompimento e até mesmo um distanciamento em relação à estética tradicional vigente no período. As críticas recebidas por Anita eram permeadas de preconceitos e não apenas artísticos, mas também de gênero. Como mulher, sua ousadia em explorar novas linguagens plásticas era interpretada como um ato de afronta à ordem social. Anita destacou-se pela resistência diante das críticas, desafiando normas e afirmando-se como sujeito criador em um espaço que, historicamente, silenciava as mulheres.

Outro aspecto fundamental é o enfrentamento dos desafios de gênero. As mulheres modernistas, como Anita, enfrentaram um duplo desafio: criar e afirmar-se em um ambiente dominado por homens que detinham poder simbólico e crítico sobre a produção artística. Dessa forma, a trajetória da arte foi historicamente moldada por olhares masculinos, que marginalizavam a mulher artista. Neste sentido, Barbosa (1991) destaca que a educação e a arte no Brasil sempre estiveram permeadas por

exclusões e desigualdades, refletindo tensões sociais mais amplas e reforçando a estrutura da sociedade patriarcal.

Essa marginalização também se reflete nas próprias telas de Anita, em que a representação feminina é frequentemente marcada por expressões de introspecção, desconforto e solidão. Em *A Boba*, o olhar distante pode ser interpretado como o reflexo de uma mulher deslocada, inserida em um contexto social que não reconhece plenamente sua autonomia.

Na obra *A Onda* (1917) também se destaca como uma produção simbólica e significativa, marcando o início do modernismo brasileiro.

Figura – 2 A Onda



Fonte: A onda (1917), Foto de Leonardo Crescenti / <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82086-a-onda>.

A pintura *A Onda*, de Anita Malfatti, é frequentemente interpretada como um símbolo de liberdade, resistência e superação. No período de 1917, Anita Malfatti ainda enfrentava duras críticas por desafiar os padrões estéticos tradicionais com sua visão ousada e inovadora. A obra se destaca por suas formas marcantes e cores vibrantes, que evocam o força da natureza e revelam, ao mesmo tempo, a leveza dos traços e a intensidade emocional da artista. Mais do que uma representação visual, *A Onda* expressa a fluidez e o poder de transformação, atributos que refletem o papel da mulher que rompe barreiras e desafia normas sociais. Nesse contexto, o gesto artístico de Malfatti simboliza uma poderosa ferramenta de expressão e resistência.

Uma observação atenta à obra, revela o diálogo que Anita estabelece entre o “eu” e os “padrões”, tensão entre o íntimo e o coletivo, entre o sentir e as expectativas sociais. Naquele período, movimentos europeus como o Expressionismo, o

Fauvismo² e o Cubismo, ganhavam força ao romper com a representação realista, valorizando a emoção e a subjetividade. Anita foi uma das pioneiras na introdução destes estilos artísticos no Brasil, caracterizados por “pinceladas rápidas, cores vibrantes e traços expressivos” (Barroco, 2007, p.161), esses elementos, revelam a força interior da artista e a profundidade da sua carga emocional.

Vale destacar que nesse período, a vida de Anita foi marcada por intensos desafios. Após retornar dos Estados Unidos, onde teve contato direto com o pensamento modernista e com artistas que valorizavam a expressão pessoal sob um olhar inovador, ela trouxe para o Brasil uma nova forma de ver e representar o mundo. No entanto, o cenário artístico brasileiro de 1917 permanecia preso ao academismo e ao naturalismo, estilos que valorizavam o realismo técnico e as composições idealizadas. A exposição de Anita desse ano, reconhecida como o marco inicial do modernismo brasileiro, causou escândalo e resistência.

As duras críticas de Monteiro Lobato, como observa Barbosa (1991), revelam não apenas uma rejeição estética, mas também a dificuldade da sociedade brasileira em reconhecer a liberdade artística. Essas críticas ultrapassaram o campo estético, evidenciando o preconceito de gênero e a resistência em aceitar que mulheres ousassem se expressar livremente.

Na mesma direção, enquanto mulher, Anita enfrentou um duplo preconceito: por ser moderna e, ao mesmo tempo, por ser mulher. De fato, o espaço artístico brasileiro era dominado por homens que controlavam tanto a crítica quanto às instituições culturais, e a presença de uma mulher que propunha uma nova forma de arte foi vista como uma ameaça à ordem patriarcal. A ousadia demonstrada por meio de cores vibrantes e de formas distorcidas refletia atitude de liberdade e ruptura. Ao contrário das representações femininas idealizadas na época, que reforçavam a delicadeza, passividade e o caráter decorativo, Anita propôs, em suas obras, uma mulher real, humana e sensível, capaz de expressar angústia, força e subjetividade.

2 Janson & Janson (2010), descreve que o Fauvismo inaugura, no início do século XX, uma postura estética marcada pela liberdade expressiva da cor, desvinculando-a da função mimética da realidade. Essa autonomia cromática aproxima o movimento de uma sensibilidade expressionista, na medida em que a cor passa a ser utilizada como veículo direto das emoções e sensações do artista, em detrimento da representação objetiva do mundo visível. Que na mesma direção, o Fauvismo explora a potência emocional da cor, o Cubismo rompe com a perspectiva tradicional ao fragmentar a forma e apresentar múltiplos pontos de vista simultaneamente, e o Expressionismo aprofunda a dimensão subjetiva da arte. Esses movimentos, embora distintos, compartilham a rejeição aos cânones acadêmicos e afirmam a arte moderna como espaço de experimentação, liberdade formal e expressão interior.

Essa postura, no entanto, permeava não apenas o campo artístico, mas também a educação e a cultura brasileira como um todo. Além das limitações impostas pelo gênero, pela deficiência física, pela ousadia estética e por propor uma arte moderna, ela se tornou um alvo estratégico, e que revelam as tensões sociais e culturais do Brasil do início do século XX.

Essa realidade, como defende Neves (2017), reforça a importância de uma visão inclusiva, que valorize o indivíduo por suas capacidades e não por suas limitações, ampliando, assim, a compreensão de Anita como artista e como ser humano em constante resistência.

Sua arte ultrapassa o campo estético e assume um caráter crítico e social, expressando resistência, empoderamento e busca por reconhecimento. Em *A Onda*, essa força se materializa nas linhas sinuosas, nas cores intensas e na composição dinâmica, que parecem desafiar a imobilidade e a rigidez dos padrões da época. Compreender *A Onda* é reconhecer como Anita Malfatti transformou sua dor, suas limitações e os preconceitos que enfrentava em expressão artística e força criadora.

O *Farol*, pintada em 1915, marca um dos primeiros passos de Anita em sua trajetória na arte moderna. O *Farol* reflete sua aproximação com o expressionismo e evidencia a ousadia e a confiança de uma artista que, desde cedo, buscava romper com as convenções acadêmicas e explorar novas formas de expressão.

Figura – 3 O Farol



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/the-lighthouse-anita-malfatti/IAG7LTjqF5LQxw?hl=pt-br>

Observar a obra *O Farol*, considerando o contexto histórico do período, vemos que a pintura representa mais do que um marco estético, trata-se de uma obra que

ocupa um lugar significativo na história da arte moderna brasileira, pois seus traços rompem com o academicismo artístico, uma corrente que valorizava o realismo técnico e a idealização formal. Em contraste, O Farol apresenta uma linguagem expressionista, com cores intensas e características marcadas pela subjetividade, evidenciando a ruptura de Anita com os padrões estabelecidos da época. Ao romper com os padrões estabelecidos, incorpora características sensíveis e uma intensidade que visava compor novas linguagens visuais voltadas à manifestação de sentimentos, mais do que à representação de aparências. (BARROCO, 2007).

No entanto, as características transmitidas por Anita foram, à época, vistas e interpretadas como sinais de uma percepção que, ainda hoje pode ser usada para desvalorizar a capacidade feminina, colocando a mulher em um patamar inferior. O público e a crítica, marcados por preconceitos e pela resistência ao novo, associaram suas obras a um “desvio” dos padrões do que era considerado belo e aceitável. Essa reação evidenciava não apenas a dificuldade em aceitar a modernidade, mas também refletia barreiras sociais e de gênero, já que Malfatti, por ser mulher, enfrentava ainda mais desconfiança. Assim, sua obra nos inspira a reconhecer a importância da coragem e da autenticidade como fundamentos para a transformação artística e social.

Por último, a obra Samba, produzida entre 1943 e 1945, insere-se em um contexto de tensão marcado pela guerra³ e pelas transformações que ocorriam no Brasil. Trata-se de uma criação que reflete não apenas o espírito da época, mas também a sensibilidade de Anita diante das mudanças sociais e artísticas em curso.

³ Lucas Pereira, professor de História descreve que esse período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é considerada o **maior conflito militar do século XX**. Marcada pela destruição sem precedentes na história da humanidade, o conflito mobilizou nações em todos os continentes, entre os quais estão Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética (os "Aliados"), combatendo a Alemanha, Itália e Japão (conhecido como "Eixo"). Acesso em: <https://www.todamateria.com.br/segunda-guerra-mundial/>

Figura – 4 Samba



Fonte: Anita Malfatti: biografia, obras e exposições - Toda Matéria
<https://share.google/4VisG4UrsHSAX7OZE>

Com um olhar aprofundado sobre o período, podemos perceber que a arte modernista atravessava uma fase distinta, marcada por transformações que avançavam para além da simples expressão estética. Essa fase implicava uma ruptura com padrões tradicionais, valorizando gestos que exaltavam a cultura popular brasileira e construíam uma imagem de resistência e pertencimento. Mesmo diante das adversidades e limitações impostas pelo contexto histórico, é possível destacar que a artista reafirma sua contribuição para a arte moderna no país, trazendo para a linguagem pictórica elementos que dialogam simultaneamente com a tradição e com a modernidade.

Em mesma direção, a obra *Samba* foi uma das produções que mais contribuíram para o amadurecimento artístico de Anita, especialmente no contexto do movimento modernista brasileiro. Na cultura brasileira, marcada pela dança e pela música, a arte é uma das expressões mais fortes da identidade nacional. É a partir desse momento que Malfatti passa a desenvolver um olhar diferenciado sobre a arte, reconhecendo o poder da cultura popular refletido nas cores vibrantes e na energia pulsante de sua pintura.

Com um olhar atento, percebe-se que a obra de Anita Malfatti não se limita a representar um tema folclórico, mas reivindica a valorização das manifestações populares como parte fundamental da identidade nacional. Ao mesmo tempo, confirma a capacidade do modernismo de dialogar com as raízes culturais brasileiras,

evidenciando a importância de compreender a arte como um espaço de resistência e transformação.

Após a análise das quatro obras, tornam-se evidentes os elementos que impulsionaram a evolução da artista, consolidando-se como parte de sua identidade criadora e de sua contribuição para a história da arte brasileira. Em *A Boba e O Farol*, percebemos sua ousadia em confrontar com a estética tradicional. Já em *A Onda*, destaca-se o gesto de liberdade e ruptura, põe em evidência a luta da mulher contra os padrões impostos pela sociedade conservadora. Por fim, com *Samba*, nota-se o amadurecimento artístico de Anita, principalmente ao reconhecer e valorizar a cultura popular brasileira, passando a representar o Brasil como um centro pulsante da arte moderna.

Essas quatro obras revelam a importância da autenticidade, do poder da subjetividade e a busca pela igualdade. Além disso, destacam o valor de reconhecer a diferença como uma potência transformadora, capaz de impulsionar mudanças na arte e na sociedade.

No entanto, a trajetória de Anita reforça o debate contemporâneo sobre inclusão e igualdade. Segundo Neves (2017), a educação e a arte só se tornam efetivas quando reconhecem o potencial do indivíduo para além de suas limitações. Assim, Anita Malfatti passa a ser vista como um símbolo não apenas da renovação estética, mas também da capacidade de transformar a dor e exclusão, em criação e pertencimento. Suas obras, ao mesmo tempo em que rompem paradigmas artísticos, questionam preconceitos sociais e de gênero, reafirmando que a arte pode ser um espaço de resistência, denúncia e afirmação identitária.

Contudo, compreender Anita Malfatti como uma mulher que superou desafios é reconhecer a trajetória de alguém que enfrentou o conservadorismo de sua época e que transformou sua experiência em expressão artística universal. No próximo tópico abordamos o modernismo no Brasil, explorando brevemente a presença histórica das mulheres no evento artístico da Semana de Arte Moderna em 1922, bem como sua luta e sua relação com o movimento feminista no século XX.

3 INSERÇÃO DO MODERNISMO NO BRASIL: PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ARTE COMO DIREITO SOCIAL E HISTÓRICO

Pretende-se dimensionar o contexto do Modernismo no Brasil período em que o movimento se constituiu como uma ruptura estética e cultural, questionando o academicismo vigente e, ao mesmo tempo, buscando redefinir a identidade nacional. Essa expressão cultural abriu espaço para novas vozes, dentre elas a das mulheres artistas que passaram a reivindicar reconhecimento em um campo historicamente masculino.

Tal como observa Candido (2000), a literatura e a arte modernista assumiram papel central na construção de uma identidade nacional, dialogando com as transformações sociais de seu tempo. Nessa mesma direção, Bosi (1994) destaca que o Modernismo expressou uma “consciência nacional” em formação, o que permitiu não apenas a valorização das singularidades brasileiras, mas também a inserção de debates ligados às questões de gênero e à ampliação dos direitos sociais e culturais das mulheres.

O Modernismo no Brasil, inaugurado por Anita Malfati em 1917, se consolida com a Semana de Arte Moderna de 1922. Mais que um evento artístico, a Semana de 22, significou uma transformação simbólica na forma de representar e compreender o papel da arte na cultura artística brasileira.

Nesse sentido, a arte modernista pode ser vista como uma mediação cultural e educativa, conforme Vygotsky (2009) e Barbosa (1991), na medida em que promove a apropriação crítica da realidade e o desenvolvimento da consciência estética. Ao proporcionar novas formas de percepção e interpretação do mundo, a arte torna-se um instrumento de reflexão sobre valores sociais, históricos e culturais, estimulando não apenas a sensibilidade, como também a capacidade crítica do indivíduo.

Com isso, Vygotsky (2009) enfatiza que a arte atua como mediadora no processo de construção do conhecimento, possibilita ao sujeito estabelecer relações entre suas experiências pessoais e o contexto social em que está inserido.

Barbosa (1991), destaca que a consciência estética desenvolvida pela apreciação e produção artística contribuiu para a formação integral do indivíduo, além de incentivar a autonomia, a criatividade e a compreensão das múltiplas dimensões da realidade social. Entretanto, o Modernismo, ao romper com padrões tradicionais e

explorar novas linguagens, passou a cumprir um papel educativo e emancipatório, instaurando um diálogo crítico entre o indivíduo e a sociedade.

A valorização da diversidade cultural e das manifestações populares foi uma das conquistas mais simbólicas do movimento modernista, refletindo a busca por uma arte mais próxima da realidade social brasileira. Entre os nomes que sintetizam essa transformação estão Anita Malfatti e Tarsila do Amaral que, para além do rompimento com os padrões estéticos, marcaram a presença das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos.

A perspectiva de Barroco (2007) reforça que o Modernismo teve papel decisivo na construção de identidade nacional, viabilizou o rompimento da dependência de modelos europeus e, com isso, legitimou a diversidade cultural como elemento constitutivo da identidade brasileira.

Ao mesmo tempo em que o Modernismo abria espaço para novas expressões culturais e para a ruptura com modelos estéticos tradicionais, o movimento feminista no Brasil também emergia como força social e política em um processo de reivindicação dos direitos históricos das mulheres, questionando estruturas de poder que igualmente se refletiam no campo artístico.

Esse período foi marcado por transformações profundas na organização da sociedade, impulsionadas pela urbanização, pela ampliação do acesso à educação e pela maior participação feminina na vida pública, ainda que permeada por resistências e desigualdades. Nesse cenário, as mulheres passaram a reivindicar não apenas direitos civis e políticos, como o acesso ao voto e à educação formal, mas também o direito à produção intelectual, cultural e artística, espaços tradicionalmente dominados por homens.

Conforme Costa (2025), o movimento feminista brasileiro promove uma ressignificação do lugar da mulher na sociedade ao propor novas formas de inserção social, baseadas na autonomia, na visibilidade e na valorização de suas experiências. Tal perspectiva dialoga diretamente com os ideais modernistas, que defendiam a liberdade de criação, a quebra de padrões acadêmicos e a construção de uma identidade cultural própria, desvinculada de modelos europeus rígidos. Assim, como o Modernismo buscava reinventar a linguagem artística, o feminismo propunha a reinvenção dos papéis sociais atribuídos às mulheres, tensionando normas e ampliando possibilidades de existência e expressão.

De forma complementar, Perrot (1998) afirma que o século XIX moldou a modernidade feminina ao analisar a presença das mulheres nos espaços públicos, que antes era normalizada apenas em confinamento nos ambientes domésticos. Contudo, esse cenário começou a se modificar à medida que as mulheres iniciaram uma luta por seus direitos, reivindicando o acesso à rua, ao trabalho, à escola, entre outros espaços, e não mais os espaços “determinados”, como as famosas “casas de chá”. Na visão da autora, esse movimento foi fundamental para a transformação da organização social e cultural da sociedade, dando novo simbolismo às relações de gênero e permitindo que as mulheres adentrassem com suas vozes e pinceis nos espaços públicos nos espaços públicos.

Desde os anos 1970, a história da arte feminista aponta que a inexistência de nomes femininos canônicos [...]. Deve-se não a ausências naturais de qualidades intelectuais ou artísticas, mas sim a uma prática sucessiva, mais ou menos institucionalizada, de exclusão das mulheres do campo artístico. Dentro do sistema acadêmico, elas enfrentaram um obstáculo bastante concreto: o de não serem aceitas nas academias de belas artes (SIMIONI, 2007, p. 91).

A autora segue com a exposição do cotidiano excludente ao qual elas estavam submetidas.

O que gerou tal exclusão foi, ao seu ver, o fato de as aspirantes às carreiras artísticas terem sido impedidas de cursarem as aulas de modelo vivo desde as primeiras academias e, como consequência [sic], de não dominarem as principais habilidades exigidas aos artistas acadêmicos (SIMIONI, 2007, p. 91).

Nesse contexto, fica evidente uma lacuna no reconhecimento das artistas mulheres. As relações estruturadas pelo patriarcado, subjugavam as mulheres a restrição tanto da construção do conhecimento, quanto da produção cultural, perpetuando uma narrativa excludente de que as mulheres não poderiam competir igualitariamente com homens, o que naturalizou, por um longo período, a invisibilidade feminina nos meios artísticos. Portanto, a atuação do movimento feminista prossegue para além de direitos constitucionais, e avança para uma reivindicação de reparação histórica, social e inclusiva na participação equitativa das mulheres em todos os espaços da sociedade.

Dessa forma, embora compreenda-se que a luta feminista não se restringe à conquista de direitos já previstos em lei, ela continua como um processo de questionamento das estruturas que sustentaram a exclusão e invisibilidade das mulheres. Reafirma-se, assim, a necessidade de uma leitura crítica que valorize tanto os avanços quanto às barreiras enfrentadas. Esse obstáculo institucionalizado

evidencia que a exclusão das mulheres na arte não foi universal, mas atravessada por questões de classe, o que, ainda assim, não apaga a lógica patriarcal presente na época. Essa realidade envolve diretamente a luta por reconhecimento histórico, social e cultural.

Portanto, a presença das mulheres na arte modernista deve ser compreendida como um ato de resistência e transformação cultural, articulada a crítica estética, social e política.

Diante das discussões apresentadas, paralelamente, o avanço das pautas feministas evidenciou-se que a exclusão das mulheres da história da arte não se deu por ausência de capacidade, mas por barreiras institucionais, sociais e simbólicas, como demonstram Perrot e Simioni. Assim, a presença feminina no Modernismo deve ser compreendida como parte de um movimento mais amplo de ressignificação dos papéis sociais, no qual a arte se torna espaço de resistência, afirmação identitária e reivindicação de direitos culturais. Conclui-se, portanto, que o diálogo entre Modernismo e feminismo revela a arte como direito social e cultural, capaz de promover inclusão, questionar desigualdades e contribuir para a construção de uma sociedade mais plural, crítica e democrática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a trajetória de Anita Malfatti mostrou que sua produção artística representa não apenas uma inovação estética, mas uma resistência histórica. Suas obras revelam a força de uma artista que enfrentou limitações físicas, críticas severas e preconceito de gênero afirmando-se como pioneira do Modernismo no Brasil.

Ao observar telas como *A Boba*, *A Onda*, *O Farol* e *Samba*, compreende-se que Anita produziu sua arte a partir das vivências sociais e subjetivas, transformando a dor, a ruptura e a busca por liberdade em linguagem artística por meio da pintura. Rompeu com o academicismo e confirmou que a arte representa a emancipação e a afirmação da identidade feminina.

A discussão sobre o Modernismo brasileiro mostrou que o movimento abriu caminhos para novas formas de expressão artística, rompendo com padrões tradicionais, favorecendo a liberdade criadora. Entretanto, também evidenciou as barreiras e os preconceitos enfrentados pelas mulheres artistas, que precisaram afirmar sua capacidade em um meio predominantemente masculino. Nesse cenário, destacaram-se brasileiras que, a exemplo de Anita, reivindicaram seus direitos e o protagonismo no campo da arte, utilizando suas produções como instrumento de voz, autonomia e transformação cultural. Assim, a participação feminina no Modernismo se configura como um ato de resistência que amplia o reconhecimento do papel da mulher na história da arte brasileira.

Os resultados encontrados indicam que a obra de Malfatti, ao incorporar elementos inovadores e ao desafiar convenções, contribui para ampliar a compreensão da arte como linguagem formativa, desenvolvimento cognitivo, reflexão crítica e formação humana, sendo capaz de expressar conflitos sociais, vivências subjetivas e processos de emancipação artística.

Portanto, Anita Malfatti confirma que a produção artística das mulheres é expressão e conhecimento histórico, e estudar sua vida e obra não significa apenas recuperar um capítulo importante do Modernismo brasileiro, mas reafirmar a potência da arte como espaço de transformação social, crítica, reflexiva, cultural e afirmação de direitos, especialmente para aquelas que historicamente experimentaram a sombra de silenciamento. Esse avanço é coletivo, embora necessite ser ampliado e valorizado. A obra de Malfatti continua a inspirar práticas pedagógicas inclusivas,

críticas e sensíveis, reafirmando que a educação e a arte são áreas fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, plural e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ARANTES-BRERO, Denise Rocha Belfort. Os talentos e a cultura: a trajetória de Anita Malfatti. **Revista Educação Especial**. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil. vol. 29, nº 55, 2016, p. 399-411.
- BARBOSA, Ana Mae. A importância da imagem no ensino da arte: Diferentes metodologias. In: BARBOSA, Ana Mae. **A imagens no ensino da arte: Anos 1980 e novos tempos**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 27-82.
- BARROCO, Sônia Mari Shima. **Psicologia Educacional e Arte. Uma Leitura Histórico-Cultural da Figura Humana**. Maringá: Eduem, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Revista Gênero, 2025.
- JANSON, H. W.; JANSON, A. F. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 357–360.
- NEVES, Libéria Rodrigues. Contribuições da arte ao atendimento educacional especializado e à inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 23, n. 4, p. 489-504, out./dez. 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000400002> >. Acesso em: 11 set. 2025.
- PEREIRA, Lucas. **Segunda Guerra Mundial (1939–1945): o que foi, as causas e fases**. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru/SP: EDUSC, 1998. Disponível em: <https://share.google/3d8GGCjHwcnLh434O>. Acesso em: 08 dez. 2025.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2014.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 45, p. 87-106, set. 2007.
- TAVARES, Beatriz. A moderna poesia plástica da vida: diálogos possíveis entre Anita Malfatti e Lily Briscoe. **Revista Versalete**. Curitiba, vol. 11, nº 20/21, jan.-dez. 2023.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka; tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.